

Alberto Martins

La Reina del Cerro

Por volta de 1921 ou 22, Felipe Calpanchay
(conforme as fontes, o proprietário de um pequeno armazém
um pastor cujas lhamas costumam se espalhar por aqueles cerros
um caçador de relíquias)
encontra a 5.175 metros de altura
no Nevado de Chuscha, província de Salta, Argentina
os sinais de uma sepultura pré-colombiana.
Convoca o mineiro chileno Juan Fernández Sales
e, com dinamite, os dois explodem a montanha.
Extraem de seu interior a múmia de uma criança
e os objetos cerimoniais que compõem
seu enxoval funerário.
A cavalo, eles a transportam até a *finca* Tolombón
no sopé da cordilheira
onde é exposta por alguns dias.
Os habitantes de Tolombón
cercam-na de velas e oferendas
e se referem a ela como *La Reina del Cerro* —
a rainha daquelas serranias.

O próspero comerciante Pedro Mendoza
coleccionador de peças arqueológicas
a adquire por alguns pesos em 1922
leva-a para Cafayate
e a exhibe numa das residências
mais antigas do lugar.

Cobra ingresso dos visitantes.

Certa manhã Mendoza é surpreendido
por uma comissão de moradores de Chuscha.

Estes relatam que desde que a múmia fora subtraída
as tempestades de água, vento, neve
são ininterruptas.

Rebanhos fogem apavorados pelas ladeiras
despencam encosta abaixo, arrojam-se nos precipícios
e eles mesmos, habituados àquelas alturas
agora vivem descompostos do estômago
varados por vertigens que fazem rodar a cabeça.

Em resumo: a peste apoderara-se deles
e por isso requerem a Mendoza
que lhes entregue a rainha.

Mendoza faz o contrário: no final de 1924
vende a múmia a Perfecto Bustamante
um herborista de Buenos Aires
que a deixa em exposição
na vitrine de sua loja
a Casa Bustamante, por nove anos.

Em 1935, a viúva de Bustamante
a repassa ao senhor Absjorn Pedersen
em troca de uma instalação de gás.

Engenheiro aficionado por arqueologia

Pedersen tem planos de fundar seu próprio museu e guarda a múmia no sótão onde ela permanece durante várias décadas.

No início de 1977, Amadeo Sirolli um especialista em megafauna argentina publica num fascículo do Club Andino del Norte fotografias e informações sobre a múmia que ele encontrara na casa de Pedro Mendoza em Cafayate, 53 anos atrás.

Em março de 1977, o programa de televisão “Más Alto que los Cóndores” exhibe no ar uma das fotografias e pede aos telespectadores que ajudem a localizar seu paradeiro.

Em 1985, pobre, viúvo e doente Asbjorn Pedersen vende a múmia a um antiquário de San Telmo por 48 dólares.

O proprietário seguinte é o dentista Carlos Colombano que adquire a peça para seu museu particular “Chavín de Huantar” em Martinez, na Grande Buenos Aires.

Em 1991, o andinista Marcelo Scanu ao passar pela Calle Florida no centro da capital reconhece na vitrine de um banco a múmia retratada no fascículo de 1977.

A partir daí, tudo acontece com relativa rapidez.

Em 1996, o Centro para a Conservação

do Patrimônio de Alta Montaña, de Salta organiza uma expedição e encontra o local exato de seu enterramento no maciço de Chuscha.

Em 2001, o Centro de Estudos para Políticas Aplicadas adquire o corpo o enxoval remanescente e destina recursos para os primeiros trabalhos de conservação.

Em 2006, graças ao senhor Matteo Goretti (mais tarde acusado de roubo de tesouros argentinos pré-colombianos) a múmia é doada ao Museu de Arqueologia de Alta Montanha, de Salta onde ganha uma sala especial no mezanino.

Segundo os cientistas, *La Reina del Cerro* é uma menina de 8 anos e meio com 1,10 m de altura que morreu num dia qualquer entre 1400 e 1532.

Desde que ela me recebeu em dezembro de 2016 o presente e o passado parecem cada vez mais a ponta quebrada de um iceberg.

Salta-São Paulo
dez. 2016-dez.2017